



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2286>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

O PAPEL DAS IRMANDADES RELIGIOSAS PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL EM MARIANA-MG, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Noemi Alves Peixoto¹

RESUMO: No presente artigo penso o local das irmandades mineiras para a instrução e educação musical na cidade de Mariana durante a segunda metade do século XVIII, enquanto elemento de distinção social para homens de cor. Para tal, considero essa arte e ofício como forma de conhecimento socialmente reconhecida, que viabiliza e legitima a ascensão social e prestígio para os sujeitos com ela envolvidos, inserindo-se na lógica de educação não-escolar promovida por essas associações.

PALAVRAS-CHAVE: Irmandades. Minas setecentista. Música Colonial.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta aspectos e abordagens de pesquisa de Iniciação Científica² desenvolvidas entre agosto de 2020 e setembro de 2021, com orientação da professora Lucilene Reginaldo e as expectativas de continuidade da pesquisa, com orientação do professor Aldair Rodrigues. As investigações realizadas buscaram compreender o papel das irmandades para o contexto setecentista mineiro, as atividades musicais sacras e profanas desenvolvidas por músicos negros

¹ Graduanda em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: noh.apxt@gmail.com

² A pesquisa é intitulada “A atividade musical promovida e incentivada pelas irmandades religiosas e seu papel educacional na Minas Setecentista” e foi fomentada pelo Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/CNPq).

no interior ou em relação às associações leigas e o local dessa forma de arte para a elevação moral desses músicos. Tendo como cenário o contexto mineiro do XVIII, promovemos um levantamento de fontes que nos permitem identificar e rastrear as trajetórias desses indivíduos, pensando a música para além de sua utilidade e expressividade, como uma forma de instrução. Entre as fontes inventariadas, destaco os compromissos de irmandades, que trazem elementos que interessam ao tema estudado, como a distribuição de cargos, valores dos anuais, regras e condutas esperadas dos irmãos, entre outros elementos organizacionais das associações.

AS MINAS SETECENTISTAS

A Minas no século XVIII foi cenário de dinâmicas particulares impulsionadas pela economia mineradora, que foram impressas na forte produção artística. Entre as peculiaridades, podemos destacar o intenso fluxo de chegada de africanos escravizados à Capitania ao passo que sujeitos ligados ao cativo empregavam estratégias diversas para conquistar e assegurar a liberdade (DIÓRIO, 2007: 16-20). O contexto mineiro proporcionou ainda o desenvolvimento de uma vida religiosa que teve como elemento central instituições organizadas por leigos, constituindo espaços nos quais laços de auxílio mútuo, sociabilidade e devoção foram fortalecidos, enquanto atuavam como reguladoras do comportamento e moral dos irmãos (BOSCHI, 1986: 3). A Capitania foi, portanto, organizada em torno da atividade de extração mineral, principalmente aurífera, cujos recursos foram empregados na exteriorização de símbolos de religiosidade, mas, principalmente, de poder, mediante as transformações no quadro social e adotadas como demarcadores das distinções herdadas dos costumes de nobliação.

Com o desenvolvimento das atividades de mineração e sedimentação das sociedades nos arraiais e vilas, atividades como a produção e o comércio de alimentos tornam-se necessárias, demandando o emprego de mão-de-obra. O envolvimento de sujeitos escravizados com essas atividades possibilitam a acumulação de excedentes, a negociação de

suas alforrias e a conquista da liberdade. A partir do desenvolvimento dos povoados desenvolvem-se também os ofícios mecânicos, que dão suporte à sociedade que se sedimenta na região (DIÓRIO, 2007: 26-27). No entanto, as atividades que impunham o uso da força física eram consideradas “manchadas” e “defeituosas”, inadequadas aos brancos e ligadas aos critérios da “pureza de sangue” como degradantes (LIMA & SOUZA, 2007: 42). A recusa ao trabalho mecânico somaria-se a outros elementos de distinção, como a preferência pelos cargos administrativos; o letramento e instrução também integram esse quadro de características que servirão para ampliar as possibilidades e acessos para sujeitos brancos e, como veremos, para os homens de cor (COSTA, 2015: 236). Para alguns indivíduos de ascendência africana, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, o acúmulo desses signos e funções socialmente reconhecidas possibilitaria uma mudança de “qualidade”. O emprego do termo “pardo” passa a descrever os mestiços e livres que obtiveram êxito ao distanciar-se da escravidão, sendo também adotado como forma de autodenominação por esses sujeitos (PRECIOSO, 2009: 3-4).

Dentre os ofícios realizados pela população negra, e particularmente pelos pardos, destaca-se a atividade musical. Em uma sociedade cuja religiosidade era exteriorizada, a música tinha presença constante e foram os músicos de cor que dominaram a execução de peças complexas na Capitania, monopolizando-a:

Tenho demonstrado fartamente nos meus trabalhos que o serviço da música religiosa nos templos de Vila Rica - e também o exercício da música profana - se achava quase inteiramente nas mãos de mulatos excepcionalmente experimentados na arte da música. (LANGE & CHASE, 1968: 110).

Uma questão cara ao tema estudado trata das forças e motivações que proporcionaram a predominância negra no exercício musical do período. Segundo Boschi (1986: 148) “o preconceito do branco em relação às atividades manuais gerou, paradoxalmente, uma valorização social do

trabalho produtivo de oficiais mecânicos e, especialmente, de artesãos e artífices”. No entanto, podemos analisar a escolha do fazer para além da ideia de uma “reserva de mercado” propiciada pelo desinteresse branco pelo ofício. Tratando-se de uma sociedade profundamente hierarquizada, podemos entender a preferência pela música também a partir de seus sentidos distintivos e sociais, como sugeriu Lange³ em sua interpretação sobre as evidências de predominância negra na arte:

Para Curt Lange a escolha do ofício da música pelos mulatos não era apenas um meio de sobrevivência numa ocupação negligenciada pelos brancos. Muitos músicos eram encontrados em posição de destaque nas irmandades a que assistiam. Era uma afirmação de independência, emancipação e ascensão social. (LEONI, 2007: 39).

A partir dessa proposição, percebemos que a ocupação musical extrapola os sentidos econômicos e profissionais. Como mencionamos, as irmandades foram espaços essenciais para a organização da vida religiosa, das ações de amparo e dos espaços de sociabilidade. Ao longo do XVIII, passam a atuar também como ambientes que reforçam as demarcações sociais, ao incorporar as estratificações étnicas e de condição em sua estruturação e conjuntos de regras (LIMA & SOUZA, 2007: 40). Para os africanos e descendentes da Capitania, significava também a ampliação de espaços de autonomia, pois, como irmãos, poderiam ocupar cargos destacados e serem valorizados pelos seus conhecimentos. Mais ainda, as irmandades serão o local de articulação entre o ofício musical por negros e outras estratégias de distinção, pois são, ao lado das Câmaras, as principais contratantes dos músicos.

A especialidade dos homens de cor na música relaciona-se ainda ao caráter estratégico da profissão. Enquanto arte liberal, a música não dava

³ Leoni (2007) discorre sobre as contribuições de Francisco Curt Lange ao promover um estudo regionalizado da música colonial mineira, apontando aspectos como a originalidade e qualidade das obras executadas na Colônia. No entanto, podemos pontuar que as interpretações de Lange estavam ainda muito vinculadas à tese do “mulatismo musical”, na qual a experiência mulata seria evoluída em relação à de outras experiências populares.

nem tirava a nobreza, sendo uma forma de “inteligência” reconhecida (LIMA & SOUZA, 2007: 43). Porém, embora não participassem das camadas sociais dominantes, a partir da arte, os músicos obtinham prestígio e apreciação social (LEONI, 2007: 62). Além disso, os sujeitos envolvidos com a música desenvolviam, simultaneamente, outras estratégias, como a realização de funções militares, ocupação de cargos de mesa nas irmandades, conciliadas ao domínio da escrita e leitura (LIMA e SOUZA, 2007: 46). Desta forma, observamos que a relação entre os músicos e as associações tem sentidos mais profundos e articulados do que, meramente, a realização de uma atividade que garante sustento, estando inseridas em uma rede mais ampla de estratégias e escolhas que visam propiciar acessos e experiências que, por outros meios, não seriam possíveis.

Ao longo do desenvolvimento das atividades de pesquisa, identificamos relevante função das irmandades como contratantes da música, ao mesmo tempo em que recebiam no seu corpo diretor e de membros sujeitos envolvidos com o ofício. Contudo, há outro aspecto das associações que nos interessa: seu local para o incentivo e reconhecimento da instrução e do letramento.

Embora não tenhamos evidências de práticas de instrução no interior das irmandades, a bibliografia acerca das irmandades e as documentações por elas produzidas indicam haver um tipo de “educação moral” voltada para a regulação do comportamento e transmissão de valores, sendo ainda “de alguma forma, estimuladoras das práticas da escrita, podendo até mesmo usar o saber letrado de outras pessoas para além daquelas indicadas em seus estatutos” (FONSECA, 2021: 22-25). Nesse sentido, podemos sugerir que o reconhecimento da atividade musical como prestigiosa, no interior das irmandades, possibilitando a ocupação de cargos destacados, poderia consistir no que chamamos de “incentivo” à prática musical. Interessa-nos, portanto, prosseguir na análise do aspecto educacional das irmandades relacionando o aprendizado por elas incentivado com outras formas de educação formal, contemporâneas.⁴

⁴ Como o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, inaugurado em Mariana em 1750, por exemplo.

O diálogo entre Aleijadinho e Manuel Dias de Oliveira permite identificar uma percepção da música como uma forma de conhecimento: “não sei se lhe disse, mas sou analfabeto em música, sendo incapaz de distinguir uma nota escrita de outra, embora seja sensível à música ouvida (...)” (VIANA, 2011: 24). Não seria enganoso imaginar que esse sentido da música povoava o repertório imagético da sociedade mineira em sentido mais amplo.

MARIANA NA SEGUNDA METADE DO XVIII

Ao longo da primeira fase da pesquisa, foi delimitado com maior precisão o recorte temporal e geográfico sobre o qual nos dedicaremos. Alguns aspectos da formação e desenvolvimento da região de Mariana ampliam a gama de diálogos e possibilidades de análise. Em primeiro lugar, destacamos o pioneirismo da região que comportou a primeira Vila da Capitania, elevada à cidade em 1745. No mesmo período, o futuro bispo de Mariana, D. Frei Manuel da Cruz, instala-se na cidade, inaugurando o bispado de Mariana em 1748. Esses, entre outros aspectos, fazem da cidade um local privilegiado burocraticamente e evidenciam sua relevância geográfica e social. Com a instalação do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte (1750), observa-se a interação entre a atividade produzida a partir das irmandades em relação ao aprendizado formal do ensino da arte e de saberes como o latim, a gramática e a retórica (SELINGARDI, 2007: 102-107). Uma análise mais profunda sobre a circulação de saberes e de sujeitos entre o Seminário e as irmandades do entorno certamente contribuirão para o estudo sobre o tema abordado.

A partir dessas considerações, conduziu-se a investigação com interesse mais detido pelas atividades musicais que ocorreram na segunda metade do século XVIII, na região de Mariana, sendo característica do dinamismo no contexto urbano mineiro. Esses fatores fazem de Mariana um cenário propício para que os universos que são de nosso interesse (a música, a instrução formal e a presença de egressos do cativo em interação com esses aspectos) se conectem (CUNHA, 2013: 60), possibilitando a continuidade da investigação e proposição de novas perguntas ao tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do contexto musical mineiro, com enfoque para a recepção social dos saberes e incentivo ao conhecimento, constitui uma perspectiva de análise em diálogo com a bibliografia das associações leigas mineiras, bem como com as produções recentes acerca das formas de ensino não formais no Brasil colonial.

A formulação de hipóteses e questões sobre o tema ressaltaram lacunas que foram desbravadas timidamente no primeiro momento de pesquisa. De todo modo, podemos, a partir do apresentado, identificar que a tese central, estabelece um frutífero diálogo com a bibliografia. Interessa, para a continuidade da investigação, identificar sujeitos e elementos de suas trajetórias que contribuam para a compreensão dos impactos das irmandades, da arte da música e da instrução em interação. Assim, poderemos identificar os pontos de intersecção entre esses universos, contribuindo para a compreensão das estratégias de manutenção da liberdade pelos sujeitos praticantes do ofício musical.

REFERÊNCIAS

- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder - Irmandades e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- COSTA, Ana Paula Pereira. Instrução, poder e hierarquia: índices de alfabetização entre os potentados locais em Minas colonial. **História: Debates e Tendências**, v. 15, n. 1, p. 233-250, 2015.
- CUNHA, Ulisses Marcos da. **Representações iconográfico-musicais na imaginária religiosa de Ouro Preto, Mariana e distritos ao longo do século XVIII e princípio do XIX**. Monografia - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. 140 p. 2013.
- DIÓRIO, Renata Romualdo. **As marcas da liberdade: trajetórias sociais dos libertos em Mariana na segunda metade do século XVIII**.

- Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 198 p. 2007.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Instituições Educativas na Capitania de Minas Gerais: práticas e lugares sociais. In: Ana Pereira Lage (Org.). **Instituições educativas: cultura, escrita e administração na América Portuguesa**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, p. 15-46, 2021.
- LANGHE, Francisco Curt; CHASE, Gilbert. Os irmãos músicos da irmandade de São José dos Homens Pardos, de Vila Rica. *Anuário*, p. 110-160, 1968.
- LEONI, Aldo Luiz. **Os que vivem da arte da música: Vila Rica, século XVIII. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. Campinas. p. 185. 2007.
- LIMA, Priscila de; SOUZA, Fernando Prestes de. Músicos negros no Brasil colonial: trajetórias individuais e de ascensão social (segunda metade do século XVIII e início do XIX). *Revista Vernáculo*, v. 19-20, p. 30-66, 2007.
- PRECIOSO, Daniel. Os músicos pardos em Vila Rica (c.1770-c.1809). In: XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza - Ceará. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História da Anpuh-2009**, p. 1-10, 2009.
- SELINGARDI, Sérgio Cristóvão. **Educação religiosa, disciplina e poder na Terra do Ouro: A História do Seminário de Mariana entre 1750 e 1850**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas. São Carlos. 205 p. 2007.
- VIANA, Fábio Henrique. **A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte. p. 203. 2011.